



Acta Scientiarum. Language and Culture
ISSN: 1983-4675
eduem@uem.br
Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Franco Nobile Brandileone, Ana Paula
Cyro dos Anjos: a outra face de uma mesma moeda
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 31, n.º 1, 2009, pp. 1-6
Universidade Estadual de Maringá
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426641005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Cyro dos Anjos: a outra face de uma mesma moeda

Ana Paula Franco Nobile Brandileone

Fundação Dracenense de Educação e Cultura, União das Faculdades de Dracena, Av. Alcides Chacon Couto, 395, 17900-000, Parque Universitário, Dracena, São Paulo, Brasil. E-mail: apnobile@cabonnet.com.br

RESUMO. Num momento em que a ficção brasileira reconhecia o romance social como modelo característico da década de 1930, Cyro dos Anjos surgiu com o seu *O amanuense Belmiro*, em 1937. Ecoando como uma voz dissonante aos princípios mais evidentes do romance social – o enfoque documental sobre a vida dos humildes, o engajamento, a denúncia –, Cyro foi apontado como escritor intimista e, por isso, acusado de gratuito, de puramente literário. A partir da década de 1940, entretanto, surgiram alguns críticos, como João Etienne Filho, em 1945, que questionaram o caráter puramente intimista do romance e de seu autor. Influenciados ou não por estes críticos, o certo é que, em 1983, começaram a surgir trabalhos acadêmicos que puseram em relevo uma abordagem social para o romance. Das 17 pesquisas realizadas no meio acadêmico, de 1976 a 2001, seis delas apresentaram *O amanuense* sob uma perspectiva social. Essa paulatina releitura da obra de estreia de Cyro dos Anjos tem como objetivo mostrar que o escritor não era, absolutamente, alienado aos problemas do seu tempo.

Palavras-chave: Cyro dos Anjos, *O amanuense Belmiro*, revisão crítica.

ABSTRACT. *Cyro dos Anjos: the other face of the same coin.* When Brazilian fiction acknowledged the social romance as characteristic of the 1930s, Cyro dos Anjos published *O amanuense Belmiro* in 1937. Harking against the most evidence principles of the social romance – the documental focus on the life of humble people, commitment, denouncement –, Cyro was shown to be an intimist writer and taxed to be a purely literary writer. As from the 1940s, however, others critics, such as João Etienne Filho, who in 1945 problematized the purely intimate character of the novel and of its author. In 1983 academic works were being undertaken, influenced or not by these critics, that enhanced a social approach for the novel. In the context of seventeen researches academically undertaken between 1976 and 2001, six revealed the novel *O amanuense* from a social perspective. The gradual re-vision of Cyro dos Anjos's debut novel shows that the writer was not absolutely distant from the problems of his age.

Key words: Cyro dos Anjos, *O amanuense Belmiro*, critical revision.

Cyro dos Anjos: uma voz dissonante na ficção de 30

Quando Cyro dos Anjos surgiu na ficção brasileira com a publicação de *O amanuense Belmiro*, houve aceitação imediata do romance, que se firmou com absoluto sucesso, tanto de crítica quanto de livraria. Prova disso é que a segunda edição¹ saiu apenas dez meses depois da primeira, numa tiragem mais numerosa, sob a chancela da Editora José Olympio.

Ao estrear em 1937, o escritor mineiro encontrou as consequências da revolução modernista: a indisciplina linguística, o nativismo temático, a preocupação social, o domínio da

narrativa pela extroversão, com exemplos nos agrupamentos regionais. Contrariando, entretanto, esse período de plena reforma novelística, Cyro dos Anjos publicou *O amanuense Belmiro* que desde logo surpreendeu pela reafirmação da tradição, pelo aproveitamento dos elementos clássicos, tornando-se lugar-comum entre os críticos a vinculação do romancista de Montes Claros a Machado de Assis². Na contramão, portanto, do clima moderno, da expansão das consequências do modernismo, é que Cyro dos Anjos apareceu, sustentando os elementos tradicionais da novelística brasileira.

¹ A primeira edição, a de 1937, recebeu a marca da Sociedade Editora Amigos do Livro, uma espécie de coeditora, com número limitado de sócios, cujas edições eram pagas pelos próprios autores. A primeira tiragem foi muito restrita, apenas 1.500 exemplares, 500 dos quais o autor enviou para José Olympio distribuir no Rio de Janeiro.

² A recepção crítica de *O amanuense Belmiro*, em 1937, indica que dos 46 artigos referidos de periódicos – jornais e revistas – 22 deles apontam a filiação de Cyro dos Anjos a Machado de Assis. Este trabalho de resgate da memória do lançamento do romance de estreia de Cyro dos Anjos provém do meu trabalho de dissertação de Mestrado, *A estréia do amanuense: a fortuna crítica de O amanuense Belmiro em 1937*, concluído em 2000, pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Assis), e posteriormente publicado pela Editora AnnaBlume, São Paulo, em 2005, sob o título *A recepção crítica de O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos (1937)*.

Sob esse enfoque, *O amanuense* apresenta-se como unidade marginal dentro do círculo novelístico, não apenas por manter os elementos clássicos, num momento de intensa renovação, mas também por evidenciar um outro modelo, que não o mais característico: a literatura social. De imediato, a obra do escritor mineiro foi entendida como uma reação à tendência social, regionalista e política que vinha dominando o cenário. Por exibir um modelo romanesco e narrativo antitético à tendência do período, Cyro dos Anjos, assim como outros romancistas – Cornélio Pena, Otávio de Faria e Lúcio Cardoso –, abriram um novo itinerário com base na inquirição psicológica e na especulação intimista.

Contrário à incorporação crítica da problemática da realidade social brasileira, da abundância descritiva dos romancistas-modelo à época e da tendência naturalista de estabelecer unidade entre literatura e verdade, tão cara à maioria dos romancistas de 30, *O amanuense* foi logo classificado pela crítica literária de primeira hora, que posteriormente proliferou às gerações seguintes, como um romance puramente intimista, aparecendo, por isso mesmo, quase solitário dentro daquele contexto. O fato de a obra trazer à tona a outra via da produção literária do momento, em tudo oposta ao romance social, foi motivo para que seu autor fosse acusado de não-participante, de escritor gratuito, segundo afirma João Etienne Filho, em artigo publicado no jornal *O Diário*, a 21 de outubro de 1945.

Naquela época em que predominavam romances de cunho neonaturalista, preocupados em representar, quase sem intermediação, aspectos da sociedade brasileira na forma de narrativas que beiravam a reportagem ou o estudo sociológico, vazados de acusação aberta e tendo como objetivo fundamental o questionamento social, parece óbvio que todos os romances que surgissem na contramão daqueles seriam de imediato catapultados para o outro lado da polarização, e daí denominados intimistas, sinônimo de inocuo ou então de não-participativo. E é esse o caso de Cyro dos Anjos e o seu *O amanuense Belmiro*.

Para Etienne Filho (1945), que não revela a fonte de tal acusação, com o passar dos anos o romancista passou a ser mais bem compreendido e passa por ridículo (são estas as palavras do crítico) aquele que ainda o acusar de gratuito. Ao crítico parece não bastar que *O amanuense* seja entendido como um romance que abriu uma linha para a introspecção, pois defende uma leitura social para o livro de estreia de Cyro dos Anjos.

Segundo Etienne Filho (1945), não é somente José Lins do Rego que “fixa a miséria de um mundo capitalista que se decompõe”, e nem apenas Jorge Amado que capta “os aspectos particulares que o fenômeno apresenta em determinadas circunstâncias do mundo baiano”, mas também Cyro dos Anjos que “a seu modo, participa também da realidade do momento, do espaço, e vai dando o seu testemunho, lá a seu jeito”:

Aparentemente, o seu livro não ‘participa’, não toma partido do povo, para usar uma expressão tão elevada, mas que toma o ar detestável, à custa de ser explorada em campanhas políticas nem sempre muito honestas. O primeiro livro nos narra as desventuras de um pobre amanuense, cheio de dramas, às voltas com uma turma de literatos, amando a um mito, vivendo entre duas irmãs esquisitíssimas, escrevendo o seu diário lírico. De fato, nada mais aparentemente gratuito, inocuo. Passado o tempo, porém, voltemos ao amanuense. Como resiste bem a estes nove anos de vida. Como encontramos ali uma sociedade, um clima. Como a ‘situação’ histórica está fixada, por processos sutis de arte. É toda uma classe miseravelmente desamparada que é fixada em Belmiro. É todo um mundo pequeno burguês que se move ao seu redor, o que há é apenas o seguinte: o livro não quis ser documental, não foi feito com a intenção de servir para a arte social, no mau sentido que tomamos esta expressão. Como toda grande obra, aliás, que quase nunca é feita com o caráter específico de documento, de prova, de testemunho, mas que, justamente por isto, fica como o melhor documento, a melhor prova, o melhor testemunho (ETIENNE FILHO, 1945).

Conquanto longa, a citação flagra uma ‘outra’ maneira de ler o romance do escritor mineiro, que não aquela que ganhou na memória da tradição crítica o rótulo de obra intimista/psicológica; classificação que sintetiza bem as dificuldades de uma crítica que toma como padrão de referência uma tradição da prosa brasileira de ficção, que é de se ligar, explicitamente, à realidade nacional. Vale lembrar aqui um artigo de Silviano Santiago, *A aula inaugural de Clarice*, que discute a inter-relação entre o nacionalismo literário, a história e a história literária. Segundo Santiago (1999, p. 14)³, as tramas novelescas que não estivessem a serviço de acontecimentos nacionais, sejam eles atrelados à formação colonial ou ao desenvolvimento nacional, seriam jogadas “na lata de lixo da história como sentimental ou condenável”.

Surgindo então como uma voz contestadora entre os seus pares na imprensa jornalística, Etienne

³ Artigo publicado anteriormente no jornal *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, em 7 de dezembro de 1997.

Filho (1945) confere ao romance de Cyro dos Anjos uma ‘outra’ versão crítica, que é a de repensar o caráter estritamente psicológico da obra. A assertiva do crítico nem de longe é reivindicação de um lugar para o autor mineiro entre os escritores sociais da década de 1930, mas sintoma de que *O amanuense Belmiro* também encontra ressonância sob o prisma da prática social e que pode, enfim, ser lido sob uma ‘outra’ forma de questionamento.

Para mostrar quão inovadora é a leitura de Etienne Filho sobre o romance cyriano e, ao mesmo tempo, ilustrar a maneira cristalizada de ler e entender a obra, tomemos como exemplo dois renomados críticos literários brasileiros. Em *História concisa da literatura brasileira*, Bosi (1978) depois de apresentar os principais escritores do denominado romance social – José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado –, coloca Cyro dos Anjos no capítulo *Outros narradores intimistas*, ao lado de nomes como Otávio de Faria, Otto Lara Rezende e Dionélio Machado. Também nada inovador é José Aderaldo Castello, no livro *A literatura brasileira: origens e unidade*, que insiste na influência exercida por Machado de Assis:

[...] se *Abdias* complementa *O amanuense Belmiro*, é com ambos que Ciro dos Anjos se coloca entre os representantes mais destacados do que temos chamado linhagem machadiana [...] (CASTELLO, 1999, p. 325).

Quanto ao rótulo de escritor intimista, Castello prefere não mexer nesse vespeiro, apresenta Cyro como uma das novas contribuições dos anos de 1930 e 1940.

Diferentemente de alguns, como Bosi e Castello, que batem na mesma craveira desde o surgimento de Cyro dos Anjos na república das letras, que é o seu parentesco com o bruxo do Cosme Velho e a sua classificação como escritor exclusivamente intimista, Etienne Filho vislumbrou que o escritor mineiro ao optar pelo método introspectivo não abriu mão do questionamento social; enfim, não se belmirisou, para usar uma expressão de Antonio Cândido (1992).

O amanuense Belmiro: sob o prisma social

Nesse sentido, ainda que *O amanuense Belmiro* corra paralelo ao romance social, ele não está isento da exploração do especificamente brasileiro. A obra de Cyro dos Anjos problematiza, conforme assinalara Etienne Filho (1945), o drama da classe média, esta classe que viveu e ainda vive dias cruciais e que talvez por isso não desperte muito a atenção romanesca.

Pode-se dizer que Belmiro, o narrador-protagonista, é o símbolo dessa classe-média. Descendente de grandes fazendeiros, tombados do alto pedestal feudal, Belmiro é absorvido pela burocracia, graças à influência do pai junto a um deputado. De herdeiro de grandes proprietários rurais para a mediocridade do funcionalismo público.

No plano da narrativa, essa fratura histórica é representada pela desarticulação espaço-temporal e que, ao se resvalar para o espaço interior do personagem-protagonista, configura a tensão dramática e o conflito de outrora ter sido o dono-davoz. Com o declínio da família patriarcal rural, Belmiro cresce na sua desimportância social. Pequeno funcionário público, Belmiro vive uma existência de pobre-diabo, dada a sua vida sem surpresa ou gestos marcantes, somada à sua condição de pouco favorecido e desprotegido e, de par com ela, a vocação para o fracasso, que lhe é consubstancial. Não faltam exemplos da sua apertura financeira, como no Capítulo 14, quando relata que a simples aquisição de umas botinas novas desequilibrou-lhe o orçamento do mês; ou então no Capítulo 36, quando expõe o seu drama de estar reduzido a níqueis, embora ainda esteja no início do mês: “O ordenado se foi nessas despesas imprevistas (a doença de Francisquinha) e ainda há contas por pagar. É ridículo. Amanhã terei de visitar o agiota” (ANJOS, 1989, p. 78).

Parece não haver dúvida que a figura do amanuense faça parte do processo histórico da sociedade brasileira, um símbolo da evolução social de um povo que procura as balizas da sua estrutura social, e que impotente percebe o tempo e a modernidade usurparem o seu poder de mando.

Dentre as várias justificativas para o fato de *O amanuense Belmiro* ter ficado por algum tempo confinado a uma só análise interpretativa, ao rótulo de romance intimista/psicológico, é revelador um ensaio de Antonio Cândido, *A Revolução de 30 e a cultura*. Neste ensaio, o crítico afirma que na literatura dos anos 1930 a preocupação obsessiva com os problemas relegou para segundo plano a elaboração formal, como se os requisitos de fatura pudessesem, de algum modo, atrapalhar o impacto da mensagem de intenção crítica, em face do que se chamava incansavelmente a realidade brasileira. Exemplo disso, como o próprio crítico assinala, é a nota prévia de Jorge Amado a *Cacau* (1933), em

[...] que o leitor fica com a impressão de que a ‘honestidade’ é pouco compatível com a ‘literatura’, e que esta (aqui, sinônimo de elaboração formal) tende a ser um embuste que atrapalha o enfoque certo da realidade (CANDIDO, 1987, p. 196-197).

O amanuense Belmiro por ter tido sua situação histórica fixada por “processos sutis de arte” e por não ter sido feito “com a intenção de servir para a arte social”, como bem ressaltou Etienne Filho (1945), levou, por vezes, segundo Cândido (1987, p. 198), “a não reconhecer devidamente certas obras de fatura requintada, mas desprovidas de ideologia ostensiva”, como é o caso de *O amanuense Belmiro*. Daí a tensão histórica que permeia o romance de Cyro dos Anjos ter passado despercebida pela crítica literária ou ter sido realizada apenas de forma parcial, por conta da preponderância da preocupação com o problema sobre a preocupação com a literatura.

A partir de 1983, entretanto, começaram a pipocar trabalhos acadêmicos que privilegiaram o estudo de *O amanuense Belmiro* sob a perspectiva social, com o objetivo óbvio de des cristalizar o caráter puramente intimista do romance. Vale dizer que a minha tese de doutorado que investigou a recepção crítica de *O amanuense* junto à imprensa e ao meio acadêmico, no período de 1938 a 2001, a relação entre a estrutura romanesca e o meio social foi a abordagem ‘preferida’ para analisar o romance – das 17 pesquisas seis escolheram este enfoque⁴.

O primeiro trabalho que tratou dessa relação entre texto e contexto foi o de Dulce Maria Viana Póvoa, em dissertação de mestrado realizada na PUC/Rio de Janeiro, em 1983 (PÓVOA, 1983). A autora propôs-se a analisar três personagens da ficção brasileira do século XX, com o objetivo de caracterizar os impasses e a problemática do intelectual na sociedade. São eles: Policarpo Quaresma, do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto; Belmiro Borba, de *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, e Eduardo Marciano, de *Encontro Marcado*, de Fernando Sabino. Segundo a autora, a crise de valores que Policarpo, Belmiro e Eduardo vivenciam, metonimiza, subrepticiamente, os problemas históricos reais do intelectual brasileiro.

Outro trabalho que associa a estrutura de *O amanuense Belmiro* à sociedade brasileira é a dissertação de mestrado de Vera Márcia P. S. Vidigal Milanesi⁵, *Para uma interpretação de Cyro dos Anjos*, concluído em 1988 (MILANESI, 1988). O objetivo da autora foi contribuir para uma visão mais abrangente da obra romanesca de Cyro dos Anjos, que até então estava restrita aos seus dois primeiros romances, *O amanuense Belmiro* e *Abdias*, com menosprezo ou esquecimento do terceiro, *Montanha*.

⁴ Tese de doutorado concluída em 2005, sob o título *As leituras de O amanuense Belmiro: da crítica jornalística à crítica universitária*, pela Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis. Pesquisa a ser publicada pela Editora Anna Blume, São Paulo, no segundo semestre de 2009.

⁵ Trabalho posteriormente publicado pela Editora Arte & Ciência.

Para autora, o universo romanesco cyriano delineia conflitos de forças histórico-sociais.

Diferente dessa modalidade mais comum de estudo que estabelece e descreve as relações entre a sociedade e as obras literárias, outros três pesquisadores entenderam o fator social não como uma tensão que atua de fora para dentro, mas é dado composicional do próprio texto, que o estrutura e internaliza. Isto é, tomaram o traço social como elemento que fundamentalmente atua na organização interna do romance, de maneira a compor o seu significado. O que antes era dissociado, de um lado fator externo, de outro estrutura, funde-se num bloco indissolúvel.

Exemplar no sentido de prezar pela integridade de *O amanuense Belmiro* enquanto fusão de fator externo e interno é a tese de doutorado de Marlene Bilenky, intitulada *A poética do desvio: a forma do diário em O amanuense Belmiro* de Cyro dos Anjos, de 1992 (BILENKY, 1992). Sentindo-se tapeada, no sentido de ser arrastada para as malhas da ficção sob a aparente e simples intenção de se tratar de um diário, a autora problematiza a forma diário do romance, vislumbrando nele uma estratégia utilizada por Cyro dos Anjos para representar o difícil período do Brasil de 1935. Para a estudiosa, o diário do amanuense mais do que uma escritura da intimidade, do segredo ou do recolhimento, serve para inocentar os amigos, os suspeitos e a si mesmo, pois foi com o diário que Belmiro se livrou da polícia. Daí ser apenas aparente a contradição do diário ter como característica a inviolabilidade, pelo menos no caso de *O amanuense Belmiro*.

Seguindo as pegadas de Marlene Bilenky, Fernando C. Gil, em trabalho também de doutorado, concluído em 1997⁶, sugere que no bojo dos romances de 1930 surgiu um tipo específico de narrativa que ele identifica como romance da urbanização (GIL, 1997). Segundo o pesquisador, este romance problematiza, em diferentes níveis de sua construção formal, os impasses e as contradições da transição – sempre inconclusa – do Brasil agrário, rural, para um país em vias de urbanização e industrialização. Para tanto, valeu-se de três romances dos anos 30: *Os ratos*, *Angústia* e *O amanuense Belmiro*.

Para o autor, o que está em jogo em *O amanuense* é o conflito de dois tempos históricos distintos – presente e passado – que correspondem a espaços, valores sociais e culturais também diversos, que se formalizam no nível estético, como irreconciliáveis para a vida do protagonista. Essa dualidade temporal

⁶ Também sob o título de *Romance da Urbanização*, esta pesquisada foi posteriormente transformada em livro, publicado em 1999, pela EDIPUCRS.

que colore e define o romance da urbanização está firmada em duas perspectivas antagônicas: de um lado, uma perspectiva referenciada pela experiência tradicional, rural e patriarcal, de outro, pela experiência moderna, urbana e burguesa. Segundo Gil (1997), é o atrito dessa diferença histórico-temporal vivida pelo sujeito-narrador, que atualiza o caráter bífrente da experiência histórica brasileira.

Uma quinta pesquisa em torno das dimensões sociais assumidas pelo livro de Cyro dos Anjos é o trabalho de doutorado de Luís Gonçalves Bueno de Camargo⁷ que, recentemente, traçou uma história do romance de 1930 partindo de um equívoco que tem dominado o debate sobre a ficção de 30: a divisão entre regionalistas e intimistas. Incorporando essa divisão mais como problema do que como solução, o autor realizou uma abordagem bem ampla dessa questão, interessado numa gama extensa de obras (CAMARGO, 2001). A partir da leitura dessas obras, Camargo procurou assinalar que a década de 1930 assistiu a um movimento mais complexo do que a simples predominância do romance social, que tem sido considerado a face do período.

Assim como muitos pesquisadores que se debruçaram sobre *O amanuense Belmiro*, também Bueno desconfia do seu narrador em primeira pessoa. Segundo o autor, todas as conclusões parecem provisórias para o leitor, que não sabe se estão ali para despistá-lo ou se é confissão o que o texto efetivamente promete para ele. De uma coisa, no entanto, ele discorda. Para a crítica literária que se ocupou do livro, o conflito entre o passado e o presente que se desdobra em outro conflito, entre o rural e o urbano, é a problemática central. Para Camargo (2001), apenas embuste: “é possível ler *O amanuense Belmiro* como o livro mais imerso no presente imediato que a década de 30 produziu” (CAMARGO, 2001, p. 724).

Segundo o autor, *O amanuense Belmiro* pode ser lido como a figuração da impossibilidade de isolamento do intelectual. Mesmo que ele não queira, como Belmiro não quer, o presente o alcançará. É por isso que grande parte das ações do romance se passa no período de 1935, para demonstrar que os acontecimentos políticos, que tanto o horrorizavam, chegam até ele. É nessa situação de gravidade que sua roda de amigos vai definitivamente se romper e Belmiro, não por acaso, fará parte de um círculo de homens sem história: Florêncio, Carolino e seus vizinhos de bairro. Só assim consegue o apaziguamento que tanto procura, porém incompatível com a sua atividade intelectual.

⁷ Com o mesmo título, o autor publicou o trabalho pela Edusp, em 2006.

Adotando um enfoque não especificamente histórico de *O amanuense Belmiro*, como os trabalhos de Dulce Maria Viana Póvoa, Vera Márcia P. S. Vidigal Milanesi, Marlene Bilenky e Luís Gonçalves Bueno de Camargo, que vislumbraram na organização interna do romance as condições sociais do Brasil de 1935, e Fernando C. Gil, o caráter bífrente da experiência histórica brasileira, Idemburgo Félix (1999), conduzido pela leitura dos gestos dos protagonistas dos romances *Memorial de Aires*, *O triste fim de Policarpo Quaresma* e *O amanuense Belmiro* – Aires, Policarpo e Belmiro –, intuiu neles a projeção das redes da burocracia.

Para o autor de *Burocracia como imaginação*: três momentos da literatura brasileira e suas fronteiras, o universo da burocracia não é o tema central de nenhum dos três romances, porém se incorpora nos personagens e, sem precisar ser nomeado, está presente nos momentos mais fundamentais, muitas vezes na própria técnica usada pelos personagens e narradores para analisar e/ou intervir no cotidiano.

Imbuído de seu tempo e de seu país, Cyro dos Anjos demonstrou ter então aprendido, como poucos, o programa literário de Assis (1937, p. 132) que afirmava que o escritor pode ser “homem de seu tempo e de seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”. Com isso, o autor de *Dom Casmurro* buscava assegurar aos autores brasileiros o direito à universalidade das matérias, em oposição ao ponto de vista “que só reconhece o espírito nacional nas obras que tratem de assunto local” (ASSIS, 1937, p. 130).

Para aquele momento em que vigorava uma literatura de temática ideologicamente ostensiva, essa lição não foi apreendida pela grande maioria dos críticos. O modo nada óbvio de *O amanuense Belmiro* trazer a matéria nacional – pois prescinde de marcas externas –, aliado à sua densidade psicológica, pleno de ideias e reflexões, carregado ao mesmo tempo de sentido dramático da vida e de requintado senso de humor, é que o levou a ser lido como um romance absolutamente alienado aos problemas do seu tempo.

Assim como Machado de Assis que inscreveu as pautas da realidade nacional na sua forma literária, também Cyro dos Anjos captou, interiorizou e dramatizou a estrutura e as relações sociais do país.

Referências

- ANJOS, C. **O amanuense Belmiro**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
 ASSIS, M. Instinto de nacionalidade. In: **Crítica literária**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1937. p. 125-146.

- BILENKY, M. **A poética do desvio:** a forma do diário em O amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos. 1992. 232f. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira.** 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- CAMARGO, L. G. B. **Uma história do romance brasileiro de 30.** 2001. 944f. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- CANDIDO, A. A revolução de 30 e a cultura. In: **A educação pela noite e outros ensaios.** São Paulo: Ática, 1987. p.181-198
- CANDIDO, A. Estratégia. In: **Brigada ligeira.** São Paulo: Unesp, 1992. p. 79-85
- CASTELLO, J. A. **A Literatura brasileira:** origens e unidade (1500-1960). São Paulo: Edusp, 1999. v. 2.
- ETIENNE FILHO, J. Ao lado do amanuense. **O Diário,** Belo Horizonte, 21 out. 1945.
- FÉLIX, I. P. F. **Burocracia como imaginação:** três momentos da Literatura Brasileira e suas fronteiras. 1999. 366f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- GIL, F. C. **O romance da urbanização.** 1997. 202f. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- MILANESI, V. M. P. S. V. **Para uma interpretação de Cyro dos Anjos.** 1988. 161f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 1988.
- PÓVOA, D. M. V. **A consciência trágica:** reflexões sobre o intelectual personagem. 1983. 130f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.
- SANTIAGO, S. A aula inaugural de Clarice. In: MIRANDA, W. M. (Ed.). **Narrativas da modernidade.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 13-30.

Received on October 24, 2007.

Accepted on February 20, 2008.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.